



ECONOMIA CIRCULAR E NOVOS MODELOS DE NEGÓCIOS

Fundamentos da Liderança Relacional

Tripé para retomada do crescimento brasileiro

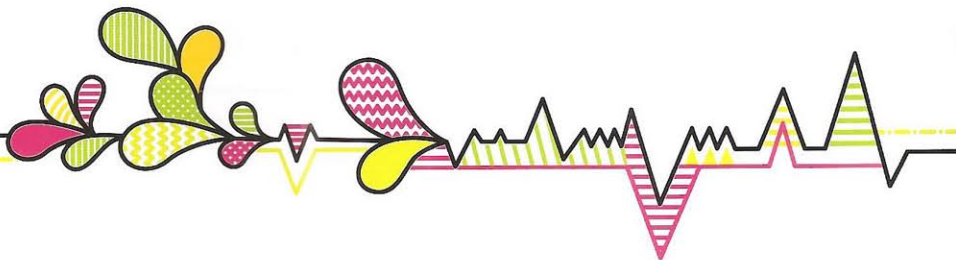
Coaching: parceria na carreira e na vida

E MAIS
COMBATE À CORRUPÇÃO

RH NA ARTICULAÇÃO DAS MUDANÇAS

RESULTADOS DE ALTO IMPACTO

tema



Aceitar a terminalidade: falta isso na sua vida?

POR GLÁUCIA REZENDE TAVARES

Entre os muitos desafios que enfrentam, os empresários se deparam com a tarefa de garantir lucro nos negócios e gerar valor para a sociedade. Têm, diante de si, a difícil missão de assegurar eficiência para preservar e transmitir um legado, além de cuidar do processo de sua sucessão.

Haveria espaço entre os empreendedores e construtores de corporações para uma reflexão sobre o fato de estarem apenas de passagem? Qual o sentido de superdimensionar a construção da carreira, a criação da família, o crescimento pessoal, a aquisição de bens, o exercício do poder e a vitória diante dos desafios? O apego à obra, às pessoas, ao controle e ao poder não seria uma forma de minimizar a consciência de sua mortalidade?

Afinal, entre tantas especulações sobre o futuro de suas organizações, a única certeza que têm é a da finitude. Acalentamos ilusões para esquecer que somos criaturas perecíveis, mas essa fuga ou negação escapa quando identificamos indícios de nossa fragilidade. Ser apegado ao provisório remete à dissolução da permanência, o que nos impede de promover interações reais. Não aceitar a morte – buscando escapatórias como forma de blindar nossa relação com essa realidade – é uma condição humana imatura.

Considerando que a morte é a extinção da consciência, negar ou fugir da ideia da mortalidade é viver fora do real. Podemos adotar uma postura alienada e desconhecer essa condição, ou reconhecer a certeza da finitude, com a disposição constante de revisar nossos valores e postura diante da vida. É preciso compartilhar modos singulares de atribuições de significado e de valor às coisas, pessoas e relações.

Diante de um mundo que nos cobra rapidez e faz tanta pressão, não valorizamos o tempo de refletir sobre a possibilidade de estarmos perdendo tempo com a inutilidade do orgulho, a tolice das disputas, a ganância e a manutenção de mágoas e dissimulação. Uma vida que considere o seu fim, valoriza os momentos vividos e está mais atenta ao não desperdício. Todo sistema vivo já nasce com a condição compulsória de terminalidade, sem chances de negociação. Podemos negociar prazos ou condições de vida, mas

não o ato de morrer. Mas é possível viver uma vida plena, ainda que imperfeita, pois a plenitude difere de perfeição.

Como compatibilizar a perenidade dos negócios com a mortalidade das pessoas? São referências que só podem ser tratadas de forma excludente, ou é possível abraçar as duas e buscar colaboração entre elas? De que maneira nós corrompemos, desconsiderando o nosso destino existencial?

Enquanto não formos capazes dessa reflexão, corremos o risco de nos aprisionar na busca de resultados imediatos, uma forma de tirania conosco, com os outros e com a vida. Há indicadores de que o poder concentrado em indivíduos isolados está migrando para a representação dos centros de conhecimento e excelência das organizações. O que caracteriza a unidade de aprendizagem, como corpo organizacional, é a relação entre as pessoas e não suas posições. É possível pensar criativamente nas empresas, gerando ideias que se submetem ao teste de realidade da terminalidade da vida? E incentivar a criação de eixos de inovação relacional diante dessa tarefa essencial e universal?

De um lado, temos a busca pelo autoconhecimento e, de outro, a capacidade de nos adaptar aos limites da vida e à finitude. Temos a tarefa de perceber que a obra construída, o legado que viermos a deixar, poderá ser maior do que a pessoa que o construiu. A chave de uma vida bem-sucedida pode estar no exercício da redução das expectativas, que geram frustração e decepção, e em amar um pouco mais. É possível cultivar a alegria estando na vida por inteiro, dizendo um sim responsável à condição de sermos passageiros. Podemos lidar com objetividade, reconhecendo os limites e prazos de validade, indo além das emoções que nos colocam na posição de negar o real. A postura de maturidade relacional é ter a disposição para perceber que os limites, perdas e lutos não se antagonizam com a vida – estão ao lado, assegurando os valores do viver.

GLÁUCIA REZENDE TAVARES é professora convidada da Fundação Dom Cabral, psicóloga clínica e presidente do API – Apoio a Perdas Irreparáveis.